

# LÍNGUA ETÍOPE (GE'EZ): DESENVOLVIMENTO, CARACTERÍSTICAS E IMPORTÂNCIA PARA AS CIÊNCIAS BÍBLICAS

Clacir Virmes Junior<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo traçar o desenvolvimento da língua etíope, mais especificamente o dialeto *ge'ez*, no qual a Igreja Ortodoxa Etíope preservou seus manuscritos bíblicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, além de outras obras teológicas. Relatam-se seus primórdios, seu desenvolvimento durante o Império Aksumita e durante o período de cristianização da Etiópia. Também se busca apresentar as principais características da língua em comparação com as línguas bíblicas. Por fim, elencam-se as principais contribuições que a língua etíope tem para as ciências bíblicas, especialmente nas áreas de linguística comparada, crítica textual e lexicografia do Antigo Testamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Etíope. Ge'ez. História da Língua Etíope. Ciências Bíblicas.

## ABSTRACT

This article aims to trace the development of the Ethiopic language, specifically the *ge'ez* dialect, in which the Ethiopian Orthodox Church has preserved his biblical manuscripts of the Old as well as the New Testament, and of other theological works.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Sistemas de Informação pela UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina, bacharel em Teologia pelo SALT-IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/Instituto Adventista de Ensino. Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, BR 101, KM 197 - Cx. Postal 18 – Capoeiruçu – Cachoeira – BA – Brasil – CEP 44300-000 – Tel. (75) 3425 8008, <clacirjunior@gmail.com>.

It describes its origins, its development during the Aksumite Empire and during the Christianization period of Ethiopia. It presents also the main features of the language, comparing it to other biblical languages. At the end, it lists the main contributions that the Ethiopic language has to the biblical sciences, specially the compared linguistics, textual criticism and the lexicography of the Old Testament.

**Keywords:** Ethiopic Language. Ge‘ez. History of the Ethiopic Language. Biblical Sciences

### INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento dos estudos orientais, alguns estudiosos se dedicaram à pesquisa dos manuscritos bíblicos na língua etíope. Tentativas foram feitas no sentido de se produzirem edições críticas de tais textos. Uma das maiores obras nessa área é o *Biblia veteris testamenti Aethiopica*, de August Dillmann (1853; 1861; 1894), infelizmente inacabada. Os volumes 3 e 4 nunca foram publicados. A obra contempla apenas os livros do Pentateuco, os livros históricos (com exceção de Neemias) e os livros apócrifos (como Baruque, Tobias e Judite), não contemplando os livros poéticos e os livros proféticos em etíope.

Os desenvolvimentos no estudo da língua e manuscritos etíopes constituem-se ferramentas importantes para as áreas da linguística comparada, crítica textual e lexicografia do Antigo Testamento, dado que o etíope é uma língua correlata do hebraico e do aramaico.

Em nosso país, poucos conhecem a existência de manuscritos bíblicos em etíope e, assim sendo, praticamente nenhuma pesquisa brasileira tem sido levada a efeito com base nestes manuscritos. O autor deste artigo conhece apenas uma pesquisa nesta área, iniciada em 2002. O objetivo era o desenvolvimento de uma edição crítica do livro

de Eclesiastes na língua etíope. Infelizmente, por motivos diversos, tal pesquisa não pôde desenvolver-se (AZEVEDO NETO, 2002).

Neste artigo, procuramos fazer um panorama geral da importância da língua etíope para as ciências bíblicas. Nosso desejo é que o contato com estas informações desperte pesquisadores de todos os níveis de formação para o estudo desta língua e da contribuição que o cristianismo etíope fez para a preservação do texto bíblico. Para isso, dividimos este artigo em três partes: a primeira discorrerá brevemente sobre o desenvolvimento da língua etíope, especialmente o dialeto *ge'ez*; a segunda abordará as principais características da língua, em comparação com outras línguas bíblicas correlatas; por fim, a terceira parte citará e discorrerá brevemente sobre as principais contribuições da língua etíope para as ciências bíblicas nas áreas de linguística comparada, crítica textual e lexicografia do Antigo Testamento.

### O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA ETÍOPE (GE'EZ)

Todos os dialetos etíopes são oriundos de uma única língua, o proto-etíope, falado há mais de 2.500 anos. Ele teve sua origem na linguagem comum do primeiro milênio a. C, chamada “Epigráfica Sul-Arábica”. O protoetíope emprestou muitas palavras da língua nativa dos planaltos do norte da Etiópia (EHRET, 2010). Apesar de o relacionamento entre as duas ser evidente, a história exata do relacionamento tem sido difícil de traçar devido à escassez de evidência textual da Epigráfica Sul-Arábica (GRAGG, 2008).

O *ge'ez*, também chamado de etíope clássico, é um dos dialetos pertencentes ao grupo das línguas semíticas do sul. Ela é aparentada, por exemplo, com as línguas árabes (especialmente o árabe clássico, no qual foi escrito o Alcorão), o hebraico e o aramaico (que pertencem ao grupo das línguas semíticas do norte). Ela está intimamente relacionada com o amárico, sua língua irmã e língua oficial da Etiópia (FERENC, 2010).

## O NOME *GE'EZ*

Para Gragg (2008) o vocábulo *ge'ez* é etimologicamente incerto. Segundo Ferenc (2010), nome *ge'ez* tem origem no povo *Agazay*, que, perto do primeiro milênio a. C., cruzou o Mar Vermelho e se estabeleceu na região norte da Etiópia. Perto do primeiro século a. C., eles se tornaram independentes da Arábia do Sul, de onde eram oriundos, mas sua escrita e cultura mantiveram-se muito próximas por um bom tempo.

Para Isenberg (2003), *ge'ez* significa “original”. Gramaticalmente se refere à forma primária de um caractere no silabário. Assim, para ele em algum momento, a palavra, foi aplicada a toda a língua. Para Dilmann e Bezold (2005), porém, o nome *ge'ez* deriva do vocábulo ገዕዝ, *ge'ez*, que literalmente significa “andante”, no sentido de “livre”. Assim, ለሳንገዕዝ, *lesana ge'ez*, para ele, significa “a língua dos livres”.

## AS ORIGENS DO *GE'EZ*

Existem dois monumentos muito antigos escritos em etíope, cuja inscrição utiliza-se de caracteres sabeus, reforçando o vínculo entre os primeiros habitantes do país e os povos sul-arábicos. Foram eles que deram ao país sua cultura dominante. Os caracteres utilizados na escrita etíope, tanto em *ge'ez* quanto em amárico, têm sua origem no sabeu (MERCER, 2007).

Foi no território desse povo falante do *ge'ez*, que migrara para o “Chifre da África”, que surgiu o primeiro Estado etíope, cuja capital era Aksum (FERENC, 2010). O desenvolvimento do *ge'ez* está inextricavelmente ligado ao desenvolvimento do império aksumita.

## O IMPÉRIO AKSUMITA E O *GE'EZ*

Aksum não se desenvolveu como centro urbano até o início do primeiro século d. C. A história do império Aksumita pode ser dividida

em três fases: proto (ou pré) -aksumita (600-1 a. C.), pré-cristã (1-350 d. C.) e cristã (350-900 d. C.) (HENZE, 2000). A primeira referência conhecida sobre Aksum é numa obra anônima do século I d. C., o *Periplus Maris Erytraei*, que conta sobre as viagens e o comércio no Oceano Índico. Provavelmente, o autor era um oficial romano de origem egípcia que conhecia a língua grega (YOUNGBLOOD, 1982; COQUERY-VIDROVITCH, 2005). Mesmo tornando-se uma cidade desenvolvida, seus arredores eram férteis e bem irrigados, o que mais tarde facilitou a construção de poços, reservatórios e diques (CARRILET, 2009).

A civilização pré-aksumita se desenvolveu nos planaltos da Eritreia e da região do Tigré. Os governadores dessa civilização se autointitulavam *mukarribs* de Di'amat e Sabá. Segundo Munro-Hay (2003), ao que parece, eles formavam uma federação de tribos, dirigida por uma tribo proeminente, ligadas por uma aliança. Porém, segundo Pankhurst (2001) e Carrilet (2009), apesar de influenciada, a civilização pré-aksumita desenvolveu-se por seus próprios esforços e iniciativas, não como uma mistura de povos.

Logo após esse período, os planaltos etíopes foram o palco de uma das maiores civilizações antigas de toda a África. As pessoas eram conhecidas como aksumitas, mas outras designações surgiram com o tempo. As antigas inscrições sul-arábicas, e outras em *ge'ez*, referem-se à parte da população como *habashat*. Dessa palavra surgiu a designação árabe geral para os etíopes, *habash*, e o antigo nome usado na Europa para se referir ao país, Abissínia. Perto do século IV d. C., o termo “Etiópia” surge de uma expressão grega que significa “faces queimadas”, etimologicamente oriunda dos vocábulos  $\alpha\iota\theta\omega$  (queimar) e  $\delta\psi$  (face) (LIDDELL e SCOTT, 1996). Este termo era usado para referir-se ao reino de Cuxe e à população africana negra em geral, e começou a ser empregada pelos reis aksumitas em suas inscrições gregas em referência ao seu próprio país. Tanto o termo Etiópia quanto o termo *habashat* são

paralelos numa inscrição trilingue de Ezana, rei que se converteu ao cristianismo entre 333 e 340 d. C. (MUNRO-HAY, 2003).

O comércio foi crucial para o desenvolvimento de Aksum. Na verdade, foi o fator chave para a evolução da cidade para capital do império. Com o comércio no Mediterrâneo em crescimento, a crescente demanda de mercadorias africanas e o aumento pela procura de marfim, Aksum se tornou o eixo pelo qual toda a rota comercial etíope passava (HENZE, 2000).

O comércio trouxe a riqueza que permitiu o surgimento de elites que assumiram honras e títulos. Os quinhentos anos anteriores à era cristã testemunharam guerras cada vez maiores. O vencedor foi o estado de Aksum. O surgimento e a hegemonia de Aksum sobre a costa até o interior de Tigré e mesmo sua subsequente expansão dentro e fora da Etiópia parecem estar ligadas ao estímulo dado pelo comércio com o Egito durante a era dos ptolomeus (330-320 a. C.) e depois pela economia mundial romana (MARCUS, 1994).

Tanto o início da cunhagem de moeda quanto a introdução do cristianismo no país foram consequências das crescentes interrelações de Aksum com o mundo Mediterrâneo. A cunhagem de moedas se iniciou com o imperador Endubis, em 270 d. C. Aphilas, Wazeba e Ousanas, os três próximos imperadores etíopes, continuaram a cunhagem de moedas em ouro, prata e bronze. Neste período pré-cristão, as moedas continham a figura do crescente e do disco, símbolos da religião sul-arábica (HENZE, 2000). Estava pronto o cenário para a introdução do cristianismo no país.

## O CRISTIANISMO E O *GE'EZ*

Segundo Marcus (1994), a partir do século III d. C., ou mesmo antes, as elites helenizadas de Aksum aprenderam sobre a nova fé dos comerciantes cristãos. No quarto século d. C., o cristianismo era a

religião do império romano e foi só uma questão de tempo para penetrar em Aksum. O cristianismo influenciou completamente a arte religiosa, a música e a literatura etíopes. De acordo com Zuehlke (2005), a conversão foi lenta e ocorreu primeiro em cidades e ao longo das principais rotas comerciais.

Henze (2000, p. 38) comenta que

O cristianismo era provavelmente conhecido na Etiópia, trazido por judeus e gregos, antes mesmo da adoção de Frumêncio e Edésio pelo imperador Ezana. Contudo, nenhuma evidência de comunidades cristãs organizadas ou edifícios construídos para adoração foram encontrados antes da data oficial da conversão de Ezana. Após essa data, é dito que muitos cristãos do império romano ajudaram a espalhar o evangelho. Eles entraram para a tradição etíope como os *Tsadkan*, os Justos, mas muito pouco é conhecido sobre eles. O mais importante desenvolvimento para o crescimento do cristianismo no país foi a chegada dos Nove Santos na última metade do V século d. C.

Contudo, a versão mais conhecida para entrada do cristianismo na Etiópia é a contada por Rufino de Aquileia (345-410 d. C.). De acordo com a tradição da Igreja Ortodoxa Etíope, dois garotos sírios, Edésio e Frumêncio, trouxeram o cristianismo para a Etiópia. Vítimas de um naufrágio, foram trazidos como escravos para a corte do rei Ella Amida. Através dos anos, sua piedade, confiabilidade e, especialmente, a sagacidade de Frumêncio e sua sabedoria como secretário e tesoureiro real ganharam a gratidão real, e eles foram alforriados. A rainha viúva, como regente, pediu que eles permanecessem no palácio para aconselhar a ela e a seu filho, Ezanas, até que ele estivesse pronto para o trono. Enquanto ocupado com estas tarefas, Frumêncio buscou mercadores cristãos e instou com eles para que estabelecessem igrejas, e cooperou completamente com eles para espalhar o evangelho (MARCUS, 1994).

Ousanas deve ter sido o mesmo rei cujo nome de trono era Ella Amida, que, de acordo com a tradição, foi pai de Ezana, o imperador que adotou o cristianismo na terceira década do quarto século d. C. Ezana deixou muitas inscrições que proveem boa informação sobre seu longo

reinado. Suas moedas e suas inscrições confirmam seu abandono do título de “filho do deus da guerra, *Mahrem*” e a adoção do cristianismo. No início, suas moedas traziam os símbolos do crescente e do disco, mas as últimas moedas traziam a cruz ou várias cruzes gravadas (HENZE, 2000; PANKHURST, 2001).

Quando o jovem rei tomou o poder (303 d. C.), Frumêncio foi a Alexandria e instou com o patriarca para designar um bispo para a Etiópia para acelerar o processo de conversão. Ele mesmo foi ordenado ao sacerdócio e designado<sup>2</sup> para voltar a Etiópia e dar continuidade ao trabalho de evangelização. Retornou em 305 d. C., trazendo o rei Ezanas de suas antigas crenças (MARCUS, 1994). A mudança foi anunciada quando, subitamente, cruzes começaram a aparecer nas moedas<sup>3</sup> e os monumentos imperiais passaram a ser prefaciados com palavras cristãs.

O cristianismo influenciou não apenas a vida espiritual e intelectual da Etiópia como a vida social e cultural, sua arte e literatura. Mais da metade da população hoje pertence a Igreja Ortodoxa Etíope (CARRILET, 2009). A civilização cristã etíope, que se espalhou do norte até o centro do país, foi o que diferenciou a Etiópia de seus vizinhos africanos. Apenas poucos estados da Núbia compartilharam a fé cristã etíope até sua submersão na cultura islâmica durante a Idade Média (MUNRO-HAY, 2003).

O reino aksumita manteve sua hegemonia entre os séculos I e VII d. C. Até o século XI d. C. o *ge‘ez* foi a língua oficial do estado aksumita, mas após seu colapso foi substituída pelo amárico. O *ge‘ez* foi preservado apenas pela Igreja Ortodoxa Etíope e em documentos históricos (FERENC, 2010).

<sup>2</sup> Isto instituiu a tradição, que entrou na lei eclesiástica e perdurou até a década de 1950, em que os patriarcas alexandrinos deveriam indicar os bispos das cidades etíopes, normalmente egípcios (MUNRO-HAY, 2003).

<sup>3</sup> Segundo Carillet (2009), essa é a primeira vez que a cruz foi usada na cunhagem de moedas. Além disso, a numismática etíope é importante porque muitas de suas moedas trazem não somente os nomes, mas as roupas e coroas dos reis, muitas vezes cuidadosamente desenhadas (PANKHURST, 2001).

## A LITERATURA EM GE'EZ

Pode-se dividir a literatura em *ge'ez* em três grupos, segundo Gragg (2008): inscrições monumentais, textos cristãos primitivos e literatura geral.

Existem cerca de 160 inscrições monumentais em *ge'ez* que remontam o período pré-aksumita e o apogeu do império aksumita. A maior parte dos textos são inscrições reais. Seis das inscrições são escritas em caracteres sul-arábicos antigos. Três grandes inscrições existem em três versões: grego, *ge'ez* em caracteres sabeus e *ge'ez* em caracteres etíopes.

Os textos cristãos primitivos datam, majoritariamente, do século XII d. C., em diante. Esses textos serviram para a propagação do cristianismo no país. São traduções do Antigo e do Novo Testamento e de vários livros apócrifos para o *ge'ez*. Esse processo se iniciou no século V d. C. Além disso, há outros textos litúrgicos, vidas de santos e fragmentos patrísticos que foram preservados. Entre todos esses escritos, destaca-se o livro de Enoque, que foi preservado apenas em *ge'ez* (MYERS, 1987), e que é de grande importância para a literatura apocalíptica e para o entendimento do livro de Judas.

A literatura geral é formada principalmente por obras literárias que foram produzidas em *ge'ez* depois do declínio do império aksumita. Há muitas obras teológicas, escritas pela Igreja Ortodoxa Etíope, sobre vários assuntos, principalmente sobre Maria. O maior símbolo dessa categoria é o *Kebra Nagast*, que conta a visita da rainha de Sabá a Salomão em Jerusalém.

Segundo Marcus (1994), *Kebra Negast* (a glória dos reis) é um retalho de contos míticos desenvolvido no século XIV d. C., por seis escribas de Tigré. Yishak, o compilador chefe, declarou que ele e seus colegas apenas estavam traduzindo um documento em árabe, traduzido

para o copta e daí para o *ge'ez*. Na verdade, o que sua equipe fez foi juntar tradições orais locais e regionais, além de copiar o estilo dos escritos do Antigo e do Novo Testamento, vários textos apócrifos, comentários judaicos e islâmicos, e escritos patrísticos

### AS CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA ETÍOPE (GE'EZ)

Gostaríamos de destacar aqui algumas características específicas do etíope clássico que o diferenciam de outras línguas bíblicas correlatas. Esta lista, longe de ser exaustiva, tem o propósito de mostrar alguns mecanismos característicos da língua.

*Silabário*: ao contrário das outras línguas semíticas, e mesmo do grego e do copta, o *ge'ez* não possui um alfabeto propriamente dito, mas um silabário. Inicialmente, o *ge'ez* era uma língua consonantal como todo o tronco semítico. A modificação das formas originais das consoantes para o desenvolvimento de um silabário deve ter ocorrido entre os séculos VI e VII d. C. Doze inscrições encontradas em 1830 demonstram que, por algum tempo, tanto o silabário quanto o sistema consonantal foram utilizados paralelamente. As formas originais das consoantes foram vocalizadas para facilitar o aprendizado daqueles que tiveram de aprender o *ge'ez* como segunda língua (AMHA, 2010).

A Tabela 1 mostra a parte principal deste silabário. Na primeira coluna estão os fonemas básicos; na primeira linha, a letra “C” representa o fonema básico, ou a consoante, e ao lado aparece a vogal com a qual a consoante deve ser pronunciada.

*Sinais de pontuação e separação de palavras*: o principal sinal de pontuação em *ge'ez* é o ኀ (na'eb), pingo ou ponto: ።. Juntamente com ፣, ፥ e ።።።, são chamados de ጽዕኖታ (me'erāf), pausa. Nos manuscritos, o emprego destas marcas não é respeitado, sendo que os sinais são utilizados intercambiavelmente (DILLMANN e BEZOLD, 2005). As palavras são

separadas entre si por este sinal: ⋈ (CHAINE, 1907). Nenhum destes recursos está presente em outras línguas semíticas.

*Escrita da esquerda para direita:* Dillmann e Bezold (2005) defendem que o contato com os gregos, mesmo antes da introdução do cristianismo no país, influenciou gradualmente a direção da escrita. Lulat (2005) vai mais longe, declarando que foi por ordem do rei Ezana que a escrita etíope passou a ser da esquerda para a direita. Seja como for, essa é uma grande diferença entre o *ge'ez* e as línguas semíticas correlatas, todas escritas da direita para a esquerda.

*Subjuntivo:* diferentemente do hebraico, por exemplo, que expressa a noção do subjuntivo através do jussivo, que se utiliza das mesmas formas verbais que o imperfeito, e do coortativo, que adiciona um sufixo às formas do imperfeito (KELLEY, 1998), o *ge'ez* desenvolveu em seu sistema verbal o modo subjuntivo. Ele é uma modificação do imperfeito e dele se deriva o modo imperativo (DILLMANN e BEZOLD, 2005).

TABELA 1 – O ALFABETO ETÍOPE – GE'EZ

	Ca	Cu	Ci	Cā	Cē	C, Ce	Co
h	ሀ	ሁ	ሂ	ሃ	ሄ	ህ	ሆ
l	ለ	ሉ	ሊ	ላ	ሌ	ል	ሎ
ḥ	ሐ	ሑ	ሒ	ሓ	ሔ	ሕ	ሖ
m	መ	ሙ	ሚ	ማ	ሜ	ም	ሞ
š	ሠ	ሡ	ሢ	ሣ	ሤ	ሥ	ሦ
r	ረ	ሩ	ሪ	ራ	ራ	ር	ሮ
s	ሰ	ሱ	ሲ	ሳ	ሴ	ሰ	ሶ
q	ቀ	ቁ	ቂ	ቃ	ቄ	ቅ	ቆ
b	በ	ቡ	ቢ	ባ	ቤ	ብ	ቦ
t	ተ	ቱ	ቲ	ታ	ቲ	ት	ቶ

x	ኀ	ኁ	ኂ	ኃ	ኄ	ኅ	ኆ
n	ነ	ኑ	ኒ	ና	ኔ	ን	ኆ
ጎ	አ	ኡ	ኢ	ኣ	ኤ	አ	ኦ
k	ከ	ኩ	ኪ	ካ	ኬ	ክ	ኮ
w	ወ	ዐ	ዒ	ዑ	ዔ	ዖ	ዘ
c	ዐ	ዑ	ዒ	ዓ	ዔ	ዖ	ዘ
z	ዘ	ዐ	ዒ	ዑ	ዔ	ዖ	ዘ
y	የ	ዩ	ዪ	ያ	ዬ	ይ	ዮ
d	ደ	ዱ	ዲ	ዳ	ዬ	ድ	ዶ
g	ገ	ገ	ገ	ገ	ገ	ገ	ገ
t	ጠ	ጡ	ጢ	ጣ	ጤ	ጥ	ጦ
p	ጸ	ጹ	ጺ	ጻ	ጼ	ጽ	ጾ
ጻ	ጸ	ጹ	ጺ	ጻ	ጼ	ጽ	ጾ
d	ዐ	ዑ	ዒ	ዓ	ዔ	ዖ	ዘ
f	ፈ	ፋ	ፊ	ፋ	ፈ	ፍ	ፎ
p̄	ፕ	ፑ	ፒ	ፓ	ፔ	ፕ	ፖ

Fonte: baseado em Chaine (1907), Lambdin (1978) e Dillmann e Bezold (2005).

O subjuntivo é utilizado com a força do jussivo e coortativo hebraicos quando o verbo é o principal na oração. Em orações subordinativas, o subjuntivo expressa propósito ou o próprio resultado da ação (LAMBIDIN, 1978).

## A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ETÍOPE (GE'EZ) PARA AS CIÊNCIAS BÍBLICAS

Só o fato de possuímos manuscritos bíblicos na língua etíope já deveria chamar a atenção dos estudiosos bíblicos brasileiros para seu

estudo. Não se pode deixar de lado o fato, porém, de que os manuscritos etíopes são muito posteriores aos autógrafos bíblicos, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Mesmo tendo um lugar secundário, seu estudo pode render grandes dividendos nas áreas de linguística comparada, crítica textual e lexicografia.

A maior prova, talvez, da importância da língua etíope para a linguística comparada seja o *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Segundo os autores, os desenvolvimentos nos estudos das línguas semíticas, inclusive a língua etíope, “resultou em novos tesouros” (BROWN, DRIVER e BRIGGS, 1906; 2000, p. v). Cerca de 604 de suas entradas fazem referência à língua etíope (2010).

Wolf Leslau publicou, em 1987, um dicionário *ge'ez* /inglês, com base em uma série de outras obras, inclusive léxicos etíopes nativos. Seu dicionário trazia comparações entre o *ge'ez*, as línguas semíticas e outras línguas afroasiáticas, além da etimologia dos vocábulos. Apesar do foco na língua etíope, sua obra mostrou as afinidades do *ge'ez* com o hebraico e com árabe. Dois anos depois, ele desenvolveu um dicionário menor, sem as comparações e etimologias, para ser usado na tradução de textos etíopes (1989).

As versões etíopes dos livros bíblicos não foram feitas de uma só vez. Por isso, a qualidade da tradução varia de livro para livro. Muitas vezes, para a tradução de uma porção bíblica do Antigo Testamento, os escribas etíopes se utilizavam de vários manuscritos em outras línguas tais como o grego (Septuaginta - LXX), o hebraico e o árabe (WÜRTHWEIN, 1988). Por exemplo, em sua edição crítica do livro de Eclesiastes, Mercer (1931) declara que para a tradução do livro, e suas posteriores revisões na língua etíope, os escribas tiveram entre si diferentes versões da LXX, da Siríaca, da Árabe e do Texto Massorético.

O mesmo ocorre com a versão etíope do Novo Testamento. Segundo Aland e Aland (1995, p. 209, tradução nossa)

O caráter da versão etíope é [...] controversa. Ainda não foi determinado se os Evangelhos foram traduzidos do grego ou do siríaco. A tradução de Atos parece ter sido feita do grego. As epístolas universais foram com mais certeza traduzidas do grego, para o Apocalipse é possível não apenas estar certo sobre a língua da qual ele foi traduzido, mas identificar a fonte mais precisamente: ela representa o texto do tipo A e C, com subsequente influência das versões Copta e Árabe.

Apesar destas dificuldades, segundo Francisco (2008), “a versão Etíope [do Antigo Testamento] também é importante por ser uma das mais antigas versões bíblicas surgidas durante os primeiros séculos de existência do cristianismo.” Isso mostra a importância dos testemunhos etíopes para a crítica textual do Antigo Testamento. Seu valor é um pouco menor para a crítica textual do Novo Testamento, mas os manuscritos etíopes também estão presentes nas edições críticas do texto neotestamentário (PAROSCHI, 2008).

No campo da lexicografia, Ullendorf (1968) demonstrou as inúmeras contribuições da língua etíope para o melhor entendimento do vocabulário hebraico. Ele ainda cita o *Lexicon linguae Aethiopicae*, de Dillmann (1855), que contém as etimologias comparadas de vários vocábulos etíopes, hebraicos e árabes.

Assim, outros desenvolvimentos no estudo dos manuscritos etíopes contribuem para o enriquecimento de nosso conhecimento da história do desenvolvimento textual de ambos os testamentos, além de contribuir para nosso melhor entendimento do vocabulário veterotestamentário.

## CONCLUSÃO

Neste artigo buscamos introduzir o leitor brasileiro às bases para o estudo da língua etíope clássica, o *ge‘ez*. Mostramos brevemente a história da Etiópia, principalmente os desenvolvimentos que contribuíram para a emergência do *ge‘ez* sobre outros dialetos. Demonstramos brevemente as principais características da língua e por fim enunciamos as principais contribuições desta língua para as ciências bíblicas. Esperamos que estas

informações sejam um primeiro passo para o fomento do estudo desta língua em solo tupiniquim.

## REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **The text of the New Testament: an introduction to the critical editions and to the theory and practice of modern textual criticism.** 2. ed. rev. Grand Rapids: Eerdmans, 1995. 366 p.

AMHA, Azeb. On loans and additions to the *fidäl* (Ethiopic) writing system. In: DE VOOGT, Alexander J.; FINKEL, Irving. **The idea of writing: play and complexity.** Leiden: Brill, 2010. p. 179-198.

AZEVEDO NETO, Joaquim. Ethiopian manuscripts of the book of Ecclesiastes - Part 1. **Hermenêutica**, Cachoeira, v. 2, p. 61-80, 2002.

BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **Enhanced brown-driver-briggs hebrew and english lexicon.** ed. eletrônica. Oxford; Oak Harbor: Clarendon Press; Logos Research Systems, Inc, 1906; 2000. 1118 p.

CARRILET, Jean-Bernard. **Ethiopia and eritrea.** 4. ed. Oakland, CA: Lonely Planet, 2009.

CHAINED, M. **Grammaire éthiopienne.** Beyrouth: Imprimerie Catholique, 1907.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. **The history of african cities south of the Sahara: from the origins to colonization.** Princeton: Markus Wiener Publishers, 2005. 421 p.

DILLMANN, August. **Biblia veteris testamenti Aethiopica, in quinque tomos distributa, ad librorum manuscriptorum fidem editit et apparatu critico instruxit dr. Augustus Dillmann: Veteris testamenti Aethiopici tomus primus, sive Octateuchus Aethiopicus.** Lipsae: Guill. Vogelli, 1853. 717 p.

\_\_\_\_\_. **Biblia veteris testamenti Aethiopica, in quinque tomos distributa, ad librorum manuscriptorum fidem editit et apparatu critico instruxit dr. Augustus Dillmann: Veteris testamenti Aethiopici tomus secundus, sive Libre Regum, Paralipomenon, Esdrae, Esther.** Lipsae: Guill. Vogelli, 1861. 359 p.

\_\_\_\_\_. **Biblia veteris testamenti Aethiopica, in quinque tomos distributa, ad librorum manuscriptorum fidem editit et apparatu critico instruxit dr. Augustus Dillmann: Veteris testamenti Aethiopici**

tomus quintus, quo continentur Libri Apocryphi, Baruch, Epistola Jeremiae, Tobith, Judith, Ecclesiasticus, Sapientia, Esdrae Apocalypsis, Esdrae Graecus. Lipsae: Vogel, 1894. 221 p.

\_\_\_\_\_. **Lexicon linguae Aethiopiae cum indice Latino**. Lipsae: T. O. Weigel, 1855. 1522 p.

\_\_\_\_\_; BEZOLD, Carl. **Ethiopic grammar**. 2. ed. Eugene: Wipf e Stock Publishers, 2005. 581 p.

EHRET, Christopher. Linguistic testimony and migration histories. In: LUCASSEN, Jan; LUCASSEN, Leo; MANNING, Patrick (Eds.). **Migration history in world history: multidisciplinary approaches**. Leiden: Brill, 2010. p. 113-154.

FERENC, Aleksander. Writing and literature in classical Ethiopic (Giiz). In: ANDRZEJEWSKI, B. W.; PILASZEWICZ, S.; TYLOCH, W. (Eds.). **Literatures in African languages: theoretical issues and sample surveys**. reedição. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 255-297.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Manual da bíblia hebraica: introdução ao texto massorético e guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008. 715 p.

GRAGG, Gene. Ge'ez (Aksum). In: WOODARD, Roger D. **The ancient languages of Mesopotamia, Egypt and Aksum**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 427-453.

HENZE, Paul B. **Layers of times: a history of Ethiopia**. London: C. Hurst & Co., 2000. 372 p.

ISENBERG, Charles William. **Grammar of the amharic language**. reimpr. New Delhi: AES Publications, 2003. 184 p.

KELLEY, Page. **Hebraico bíblico: uma gramática introdutória**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 452 p.

LAMBDIN, Thomas O. **Introduction to classical Ethiopic (Ge'ez)**. Ann Arbor: Scholars Press, 1978. v. 24. 450 p.

LESLAU, Wolf. **Concise dictionary of Ge'ez (classical Ethiopic)**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989. 247 p.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A greek-english lexicon**. 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1996. 2041 p.

LOGOS BIBLE software. Ver. 4.0b. Bellingham: Logos Research Systems, 2010.

LULAT, Y. G.-M. **A history of African higher education from antiquity to present**. Westport: Greenwood Publishing Group, 2005. 624 p.

MARCUS, Harold G. **A history of Ethiopia**. ed. atualizada. Berkeley: University of California Press, 1994. 261 p.

MERCER, Samuel A. B. Ethiopic. In: SHIPLEY, Joseph T. (Ed.). **Encyclopedia of literature**. s. l.: Read Books, 2007. v. 1. p. 271-277.

\_\_\_\_\_. **The Ethiopic text of the book of Ecclesiastes**. London: Luzac and Co., 1931. 93 p.

MUNRO-HAY, Stuart. **Ethiopia, the unknown land: a cultural and historical guide**. New York: I. B. Tauris, 2003. 390 p.

MYERS, Allen C. **The Eerdmans Bible dictionary**. Grand Rapids: Eerdmans, 1987. 1095 p.

PANKHURST, Richard. **The Ethiopians: a history**. Oxford: Blackwell, 2001. 299 p.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica textual do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 248 p.

ULLENDORFF, Edward. **Ethiopia and the bible: the Schweich lectures**. New York: Oxford University Press, 1968. 173 p.

WÜRTHWEIN, Ernst. **The text of the Old Testament: an introduction to the Biblia Hebraica**. 2. ed. rev. e ampl. Grand Rapids: Eerdmans, 1988. 293 p.

YOUNGBLOOD, R. F. Ethiopia. In: BROMILEY, Geoffrey W. **International standard Bible encyclopedia**. ed. rev. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982. v. 2. p. 193-197.

ZUEHLKE, Jeffrey. **Ethiopia in pictures**. ed. rev. e expandida. Minneapolis: Twenty-First Century Books, 2005. 80 p.